

The background of the book cover is a photograph of a fountain at dusk. A tall, thin column of water is being shot upwards from a lake, creating a misty spray at the base. In the foreground, a wooden pier with several birds perched on it extends across the water. The sky is a mix of orange and blue, and mountains are visible in the distance.

# JOËL DICKER

# O ENIGMA DO

DO AUTOR DE  
A VERDADE SOBRE O CASO  
HARRY QUEBERT

# QUARTO 622

# O enigma do quarto 622

Joël Dicker

Tradução de Carolina Selvatici e Dorothée de Bruchard



L'énigme de la chambre 622 © JDCS, 2020

TÍTULO ORIGINAL

L'énigme de la chambre 622

PREPARAÇÃO

Gabriel Demasi

REVISÃO

André Marinho

Camilla Savoia

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D545e

Dicker, Joël, 1985-

O enigma do quarto 622 / Joël Dicker ; tradução Carolina Selvatici, Dorothée de Bruchard. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.

528 p. ; 23 cm.

Tradução de: L'énigme de la chambre 622

ISBN 978-65-5560-088-9

ISBN 978-85-510-0597-2 [ci]

1. Ficção suíça (Francês). I. Selvatici, Carolina. II. Bruchard, Dorothée de. III. Título.

20-66405

CDD: S843

CDU: 82-3(494)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2020]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

## Capítulo 1

### AMOR À PRIMEIRA VISTA

Quando, no começo do verão de 2018, me hospedei no Palace de Verbier, um prestigioso hotel dos Alpes suíços, estava longe de imaginar que passaria minhas férias elucidando um crime cometido nesse estabelecimento muitos anos antes.

Aquela estada era para ser uma bem-vinda pausa depois de dois pequenos cataclismas pessoais ocorridos na minha vida. Mas antes de contar a vocês o que aconteceu naquele verão, preciso voltar à origem de toda essa história: a morte do meu editor, Bernard de Fallois.

Bernard de Fallois era o homem a quem eu devia tudo. Meu sucesso e minha fama existiam graças a ele.

Se me chamavam de *escritor*, era graças a ele.

Se liam meus livros, era graças a ele.

Quando o conheci, eu era um autor nem sequer publicado: ele me transformara num escritor lido no mundo inteiro. Com seu jeito de patriarca elegante, Bernard já tinha sido uma das figuras centrais do mundo editorial francês. Para mim, foi um mestre e, principalmente, apesar dos sessenta anos que nos separavam, um grande amigo.

Bernard falecera em janeiro de 2018, aos 92 anos, e eu reagira à sua morte como faria qualquer escritor: comecei a escrever um livro sobre ele. Lancei-me a essa tarefa de corpo e alma, enfurnado no escritório do meu apartamento na avenida Alfred-Bertrand, nº 13, no bairro de Champel, em Genebra.

Como sempre em meus períodos de escrita, a única presença humana que eu tolerava era a de Denise, minha assistente. Denise era a fada madrinha que zelava por mim. Eternamente de bom humor, ela cuidava da minha agenda, separava e organizava a correspondência dos leitores, revisava e corrigia o que eu escrevia. Acessoriamente, enchia a minha geladeira e me abastecia de café. Por fim, ela ainda agia como uma médica de bordo, irrompendo no meu escritório como se subisse num navio re-

cém-chegado de uma interminável travessia e me enchia de conselhos de saúde.

— Saia daqui! — ordenava gentilmente. — Vá dar uma volta no parque para arejar as ideias. Está há horas enfurnado aqui dentro!

— Eu já fui correr hoje cedo — lembrava-lhe.

— Precisa oxigenar o cérebro a intervalos regulares! — insistia ela.

Era quase que um ritual cotidiano: assentindo, eu saía para a sacada do escritório. Enchia os pulmões com algumas golfadas do ar fresco de fevereiro e logo, provocando-a com um olhar divertido, acendia um cigarro. Ela protestava e dizia, num tom consternado:

— Quer saber, Joël, não vou esvaziar seu cinzeiro. Para ver se assim se dá conta do quanto fuma.

Todos os dias, submetia-me à rotina monástica que era a minha em tempos de escrita e que se desdobrava em três etapas indispensáveis: sair da cama ao raiar do dia, fazer um jogging e escrever até de noite. De modo que, indiretamente, foi graças àquele livro que conheci Sloane. Sloane era a minha nova vizinha de porta. Desde sua recente mudança para o prédio, todos os moradores andavam comentando sobre Sloane. Quanto a mim, ainda não tivera a oportunidade de conhecê-la. Até aquela manhã em que, retornando de minha corrida diária, cruzei com ela pela primeira vez. Ela também estava voltando da corrida e entramos juntos no prédio. Compreendi imediatamente por que Sloane era unanimidade entre os vizinhos: era uma mulher de um charme desconcertante. Limitamo-nos a um cumprimento educado antes de desaparecer cada qual em seu apartamento. Fiquei parado atrás da minha porta, aturdido. Aquele breve encontro já bastara para eu ficar meio apaixonado.

Eu logo já não tinha outra ideia na cabeça que não me aproximar de Sloane.

Tentei uma primeira abordagem pela via do jogging. Ela corria quase todo dia, mas sem horários regulares. Eu passava horas vagueando pelo Parque Bertrand, já desistindo de cruzar com ela. E então a avistava, de repente, sumindo veloz por uma alameda. Em geral, era incapaz de alcançá-la e ia esperar na entrada do nosso prédio. Aguardava, impaciente, junto às caixas de correio, fingindo pegar a correspondência toda vez que um vizinho entrava ou saía, até ela finalmente aparecer. Sloane passava por mim, sorria, me deixando derretido e desnordeado: até me ocorrer algo inteligente para dizer, ela já tinha entrado em casa.

A zeladora, dona Armanda, foi quem me informou sobre Sloane: era pediatra, inglesa por parte de mãe, pai advogado, tinha sido casada por dois anos, mas não tinha dado certo. Trabalhava no Hospital Universitário de Genebra alternando horários diurnos e noturnos, o que explicava a minha dificuldade para entender sua rotina.

Depois do fracasso com o jogging, resolvi mudar de tática: incumbi Denise de vigiar o corredor pelo olho mágico e me avisar assim que a visse aparecer. Assim que ouvia os seus gritos (“Ela está saindo de casa!”), me despencava do escritório, penteado e perfumado, e surgia no pátio, como por mera coincidência. Nossa interação, porém, resumia-se a um cumprimento. Ela em geral descia de escada, o que acabava com qualquer tentativa de conversa. Eu ia atrás, mas para quê? Ela sumia assim que chegava na rua. Nas raras vezes em que pegava o elevador, eu ficava mudo e um silêncio constrangido tomava conta da cabine. Em ambos os casos, eu voltava em seguida para o meu apartamento, de mãos abanando.

— E então? — perguntava Denise.

— Então nada — eu resmungava.

— Mas Joël, quanta incompetência! Faça um esforcinho, poxa!

— É que eu sou meio tímido — explicava.

— Ah, sem essa, por favor! Você não parece nada tímido nos programas de tevê!

— Porque quem você vê na televisão é o Escritor. Já o Joël é bem diferente.

— Ora, Joël, não é assim tão complicado: você vai lá, toca a campainha, oferece flores para a moça e a convida para jantar. Está com preguiça de ir até a floricultura, é isso? Quer que eu cuide disso?

Houve então aquela noite de abril, na Ópera de Genebra, em que fui sozinho assistir a uma apresentação do *Lago dos cisnes*. E eis que no intervalo, saindo para fumar um cigarro, topei com ela. Trocamos algumas palavras, mas logo tocou o sinal chamando os espectadores e ela propôs que a gente tomasse algo depois do balé. Nos encontramos no Remor, um café a poucos passos dali. E foi assim que Sloane entrou na minha vida.

Sloane era linda, engraçada e inteligente. Sem dúvida, uma das pessoas mais fascinantes que conheci. Depois daquela noite do Remor, convidei-a para sair várias vezes. Fomos ao concerto, ao cinema. Também a arrastei para o vernissage de uma improvável exposição de arte contemporânea que nos rendeu um grande acesso de riso, e do qual fugimos para ir jantar

num restaurante vietnamita que ela adorava. Passamos várias noites, na casa dela ou na minha, ouvindo ópera, conversando e reinventando o mundo. Não conseguia deixar de devorá-la com os olhos: estava fascinado por ela. O jeito como ela piscava os olhos, arrumava o cabelo, sorria timidamente quando ficava com vergonha, mexia nas unhas pintadas antes de me fazer uma pergunta. Tudo nela me agradava.

Já não conseguia pensar em nada além dela. A ponto de descuidar momentaneamente da escrita do meu livro.

— Pobre Joël, parece estar tão longe — me dizia Denise, ao constatar que eu já não escrevia uma linha sequer.

— É por causa da Sloane — eu explicava, atrás do computador desligado.

Eu só esperava a hora de encontrá-la e continuar nossas intermináveis conversas. Não me cansava de ouvi-la falar sobre sua vida, suas paixões, desejos e ambições. Ela gostava dos filmes de Elia Kazan e de ópera.

Uma noite, depois de um jantar bem regado numa cervejaria do Pâquis, acabamos na minha sala. Sloane contemplou, entretida, os bibelôs e os livros nas estantes. Fitou demoradamente um quadro de São Petersburgo herdado do meu tio-avô. Depois se deteve nas bebidas fortes do meu bar. Gostou do esturjão em alto-relevo que ornava a garrafa de vodca Beluga, nos servi dois copos com gelo. Liguei o rádio no programa de música clássica que eu costumava escutar à noite. Ela me desafiou a identificar o compositor que estava tocando. Fácil, era Wagner. De modo que foi ao som de *A Valquíria* que ela me beijou e me puxou contra si, sussurrando em meu ouvido que me desejava.

Nosso caso iria durar dois meses. Dois maravilhosos meses. Durante os quais, porém, meu livro sobre Bernard foi pouco a pouco reassumindo a precedência. De início, eu aproveitava as noites em que Sloane estava de plantão no hospital para avançar na escrita. Só que quanto mais avançava, mais envolvido ia ficando com meu romance. Uma noite ela me convidou para sair: pela primeira vez eu recusei. “Preciso escrever”, expliquei. Sloane, no começo, foi extremamente compreensiva. Ela também tinha um trabalho que às vezes a prendia mais que o previsto.

Depois recusei uma segunda vez. E ela, de novo, não se ressentiu. Entenda-se: eu adorava cada momento passado com Sloane. Mas tinha o sentimento de que com Sloane ia ser para sempre, que aqueles momentos de cumplicidade iam se repetir ao infinito. Ao passo que a inspiração para um

romance pode sumir do mesmo jeito que vem: era uma oportunidade que eu tinha que agarrar.

Nossa primeira briga aconteceu numa noite de meados de junho quando, depois de fazermos amor, levantei de sua cama para me vestir.

— Aonde você vai? — perguntou ela.

— Para casa — respondi, como se fosse algo absolutamente normal.

— Não vai ficar para dormir comigo?

— Não, estou querendo escrever.

— Então é assim, você vem, dá uma rapidinha e cai fora?

— Preciso avançar no meu romance — expliquei, constrangido.

— Mas não dá para você passar o tempo todo escrevendo, puxa vida! — exaltou-se ela. — É todo dia, toda noite, até fim de semana! Está passando dos limites! Você não me convida mais para nada.

Senti que a nossa relação perigava se desmantelar tão depressa como se acendera. Precisava fazer alguma coisa. Foi assim que, alguns dias depois, na véspera de partir para uma turnê de dez dias na Espanha, levei Sloane para jantar no seu restaurante predileto, o japonês do Hôtel des Bergues, cujo terraço no alto do edifício oferecia uma vista de tirar o fôlego sobre toda a baía de Genebra. Foi uma noite de sonhos. Prometi a Sloane menos escrita e mais “nós”, repetindo o quanto ela era importante para mim. Chegamos a esboçar planos de férias, em agosto e na Itália, um país de que ambos gostávamos particularmente. Na Toscana, quem sabe, ou na Apúlia? Ficamos de ver isso assim que eu voltasse da Espanha.

Permanecemos à mesa até o restaurante fechar, à uma da manhã. A noite estava quente naquele início de verão. Durante todo o jantar, tive a estranha sensação de que Sloane esperava alguma coisa de mim. Até que, na hora de ir embora, quando levantei da cadeira e os funcionários já começavam a limpar o chão do terraço ao nosso redor, Sloane me disse:

— Você esqueceu, não é?

— *Esqueci* o quê? — perguntei.

— Hoje era o meu aniversário...

Ao ver meu ar consternado, compreendeu que estava certa. Foi embora, furiosa. Tentei segurá-la, me desmanchando em desculpas, mas ela entrou no único táxi disponível na frente do hotel, deixando-me ali plantado feito o idiota que eu era, sob o olhar zombeteiro dos manobristas. Até eu pegar meu carro e chegar na avenida Alfred-Bertrand, nº 13, ela já tinha entrado em casa, desligado o telefone, e se recusava abrir a porta para mim. Viajei



para Madri no dia seguinte, e durante toda a minha estada por lá minhas muitas mensagens e e-mails ficaram sem resposta. Não tive nem sinal dela.

Voltei para Genebra na manhã da sexta-feira, 22 de junho, quando descobri que Sloane tinha rompido comigo.

Dona Armanda, a zeladora, é que foi a mensageira. Correu até mim assim que entrei no prédio:

— Tome, uma carta para o senhor — disse ela.

— Para mim?

— É da sua vizinha. Ela não quis deixar na caixa de correio por causa da sua assistente que abre a sua correspondência.

Abri imediatamente o envelope. Continha um bilhete com umas poucas linhas:

*Joël,*

*Não vai dar certo.*

*Até mais.*

*Sloane*

Essas palavras me atingiram em cheio. Cabisbaixo, subi para o meu apartamento. Pensei que poderia ao menos contar com Denise para me dar apoio moral nos próximos dias. Denise, a gentil mulher trocada por outra pelo marido, um ícone da solidão moderna. Nada melhor, para se sentir menos sozinho, que achar alguém ainda mais solitário! Ao entrar em casa, porém, topei com Denise que parecia estar indo embora. Não era nem meio-dia.

— Denise? Onde vai? — cumprimentei.

— Bom dia, Joël. Eu avisei que hoje ia embora mais cedo. Meu voo é às três.

— Seu voo?

— Não me diga que esqueceu! Falamos sobre isso antes de ir para a Espanha. Vou passar quinze dias em Corfu com o Rick.

Rick era um sujeito que ela tinha conhecido na internet. De fato, tínhamos falado sobre suas férias. Eu tinha esquecido completamente.

A Sloane me deixou — anunciei.

— Eu sei. Sinto muito, de verdade.

— Como assim, *vous savez*?

— A zeladora abriu a carta que Sloane deixou para você e me contou tudo. Eu não quis lhe avisar em Madri.

— E vai viajar mesmo assim? — perguntei.

— Ora, Joël, não vou cancelar minhas férias porque sua namorada o largou! Até porque num instantinho você encontra outra pessoa. Todas as mulheres arrastam as asinhas para você. Isso logo passa, vai ver! E além disso, eu cuidei de tudo, fiz umas comprinhas. Olha só!

Denise me arrastou rapidamente até a cozinha. Avisada do meu rompimento com Sloane, já previra qual seria a minha reação: ia ficar trancado em casa. Manifestamente preocupada com que eu não me alimentasse na sua ausência, fizera um estoque impressionante. Dos armários ao congelador, havia comida por toda parte.

Com isso, ela se foi. E eu me vi sozinho em minha cozinha. Fiz um café e me instalei no comprido balcão de mármore preto junto do qual se alinhavam cadeiras altas, todas desesperadoramente vazias. Caberiam dez pessoas naquela cozinha, mas só havia eu ali. Me arrastei até o escritório, onde fiquei um bom tempo vendo fotos minhas com Sloane. Peguei então um cartão Bristol em que escrevi *Sloane*, seguido daquela data terrível em que ela me deixara, com uma anotação: *22/6: um dia a ser esquecido*. Mas era impossível tirar Sloane da cabeça. Tudo me fazia lembrar dela. Até o sofá da sala, no qual acabei me jogando, me fez lembrar que alguns meses antes, naquele mesmo lugar, sobre aquele mesmo tecido, eu dera início a um relacionamento extraordinário que eu conseguira sabotar totalmente.

Então, me segurei para não ir bater à porta do apartamento de Sloane ou telefonar para ela. Mas ao cair da noite, já não me aguentando, fui para a sacada e fiquei lá fumando um cigarro atrás do outro, na esperança de Sloane também aparecer e “toparmos” um com o outro. Mas dona Armanda, que me avistou da calçada quando foi levar o cachorro para passear, e viu que eu ainda estava ali quando voltou uma hora depois, me gritou lá de baixo: “Não adianta esperar, Joël. Ela não está. Saiu de férias.”

Voltei para o meu escritório. Me deu vontade de ir embora. Vontade de me afastar de Genebra por uns tempos, de me desfazer das lembranças de Sloane. Vontade de calma e sossego. Foi então que, entre as anotações dedicadas a Bernard espalhadas sobre a minha mesa, reparei numa referência a Verbier. Ele adorava ir para lá. A ideia de passar um tempo em Verbier, aproveitar a quietude dos Alpes para me reencontrar, me seduziu de imediato. Liguei o computador e me conectei à internet: cheguei rapidamente ao site do Palace de Verbier, um hotel mítico, e umas poucas fotos que fiz desfilarem na tela bastaram para me convencer — o terraço ensolara-

do, a piscina de hidromassagem dominando as suntuosas paisagens, o bar com clima intimista e os salões silenciosos, as suítes com lareira. Era exatamente o que eu precisava. Cliquei no ícone de reserva e me pus a digitar.

Foi assim que tudo começou.

## Capítulo 2

### FÉRIAS

No sábado, 23 de junho de 2018, ao amanhecer, pus minha bagagem no porta-malas do carro e tomei o rumo de Verbier. O sol despontava no horizonte, envolvendo as ruas desertas do centro de Genebra num forte halo alaranjado. Atravessei a ponte Mont-Blanc, segui ao longo dos cais floridos até o bairro das Nações Unidas, e então peguei a autoestrada em direção a Valais.

Tudo me deslumbrava naquela manhã de verão: as cores do céu me pareciam novas, as paisagens que desfilavam de lado e outro da estrada tinham um ar ainda mais bucólico que de costume, os pequenos vilarejos espalhados entre os vinhedos nas encostas do Lago Léman compunham um cenário de cartão-postal. Saí da autoestrada em Martigny e peguei a estradinha em zigue-zague que, a partir de Le Châble, sobe serpenteando até Verbier.

Após uma hora e meia de trajeto cheguei ao meu destino. A manhã mal estava começando. Subi a rua principal e atravessei o vilarejo, depois foi só seguir as placas para encontrar o caminho até o Palace. O hotel ficava próximo ao vilarejo (a uns poucos minutos a pé), mas escondido o suficiente para dar a sensação de estarmos em um lugar exclusivo. A construção, um típico hotel de montanha de luxo com suas torrezinhas e pé-direito alto, se inseria em meio ao verde, cercada pela floresta de pinheiros como por uma muralha, e com uma vista espetacular sobre o Vale do Reno.

Fui recebido no Palace por funcionários simpáticos e muito atenciosos. Me senti imediatamente à vontade naquele lugar repleto de serenidade. Enquanto me registrava na recepção, o atendente me perguntou:

— O senhor é o Escritor, não é?

— Sim.

— É uma grande honra tê-lo aqui conosco. Li todos os seus livros. Veio para escrever seu novo romance?

— De jeito nenhum! — respondi, rindo. — Vim para descansar. Férias, férias, férias!

— Creio que ficará bem aqui, está numa de nossas suítes mais bonitas, a 623.

Um funcionário me acompanhou com a minha bagagem até o sexto andar. Andando pelo corredor, fui vendo passar os números dos quartos. E qual não foi minha surpresa ao constatar que a ordem era a seguinte: 620, 621, 621 bis, 623!

— Que estranho — comentei com o funcionário. — Não tem quarto 622?

— Não — respondeu ele, sem me dar mais explicações.

O quarto 623 era absolutamente magnífico. Tinha um estilo moderno, que contrastava totalmente com o ambiente do Palace. Havia um espaço diurno, com um grande sofá, uma lareira, uma escrivaninha com vista para o vale, e uma ampla varanda. No espaço noturno, uma cama imensa e um closet que dava para um banheiro em mármore equipado com ducha italiana e uma enorme banheira.

Depois de dar uma volta pela suíte, retomei o assunto do número dos quartos que me deixara intrigado.

— Mas por que 621 bis e não 622? — perguntei ao funcionário, que estava acomodando minha bagagem.

— Certamente algum engano — respondeu ele com um ar vago.

Não consegui discernir se ele de fato não sabia ou se estava mentindo por omissão. O fato é que parecia não ter vontade nenhuma de estender a conversa.

— Precisa de mais alguma coisa, senhor? Quer que eu mande alguém vir desfazer sua mala?

— Não, muito obrigado, eu mesmo faço isso — agradei, dando-lhe uma gorjeta.

Ele saiu prontamente. Movido pela curiosidade, fui dar uma conferida no corredor: afora a porta ao lado da minha, não havia nenhuma outra porta *bis* naquele andar. Muito estranho. Mas me obriguei a não pensar mais no assunto. Afinal, eu estava de férias.

O primeiro dia das minhas férias em Verbier foi dedicado a uma caminhada na floresta até um restaurante no alto de uma elevação, onde almocei apreciando o panorama. De volta ao hotel, desfrutei da piscina termal, para em seguida conceder-me um longo momento de leitura.

À noite, antes de ir jantar no restaurante do Palace, fui tomar um uísque no bar. Sentado ao balcão, fiquei conversando com o barman, a quem

não faltavam histórias saborosas sobre os outros clientes presentes. Foi então que a vi pela primeira vez: uma mulher da minha idade, muito bonita, visivelmente sozinha, que sentou na outra extremidade do balcão e pediu um Dry Martini.

— Quem é ela? — perguntei ao barman depois que ele a serviu.

— Scarlett Leonas. Uma cliente do hotel. Chegou ontem de Londres. Muito simpática. É filha de um nobre inglês, lorde Leonas, conhece? Fala um francês perfeito, seu nível de educação é notável. Parece que deixou o marido para vir se refugiar aqui.

Eu tornaria a cruzar com ela duas vezes nas horas seguintes.

Primeiro no restaurante do hotel, onde jantamos a poucas mesas um do outro. Depois, de forma totalmente inesperada quando, ao sair na varanda do meu quarto para fumar, por volta da meia-noite, descobri que ela ocupava o quarto vizinho. De início julguei estar sozinho na noite azulada. Tinha nas mãos uma foto de Bernard que trouxera de Genebra. Debruçado no parapeito, acendi um cigarro e fiquei, melancólico, contemplando o retrato. Uma voz, de súbito, me tirou da minha contemplação.

— Boa noite — escutei.

Tive um sobressalto. Era ela, na varanda contígua à minha, discretamente aninhada numa espreguiçadeira.

— Desculpe se o assustei — disse ela.

— Não esperava ter companhia a essa hora — respondi.

Ela se apresentou:

— Me chamo Scarlett.

— Joël.

— Sei quem você é. O Escritor. Todo mundo fala de você aqui.

— Isso nunca é um bom sinal — observei.

Ela sorriu. Querendo prolongar aquele momento, ofereci-lhe um cigarro. Ela aceitou. Estendi o maço para ela e acendi o isqueiro.

— O que o traz aqui, escritor? — perguntou, depois de uma primeira baforada.

— Precisava de um respiro — respondi, evasivo. — E você?

— Eu também. Deixei minha vida em Londres, meu trabalho, meu marido. Precisava mudar de ares. Quem é, na foto?

— Meu editor, Bernard de Fallois. Faleceu seis meses atrás. Era alguém muito importante para mim.

— Sinto muito.

— Obrigado. Estou me dando conta de que está difícil virar a página.

— Isso é meio chato, para um escritor.

Eu forcei um sorriso, mas ela notou a tristeza em meu semblante.

— Me perdoe — desculpou-se. — Quis ser engraçada, não deu certo.

— Não se preocupe. Bernard estava com 92 anos, tinha todo o direito de partir. Vou ter que me conformar.

— A dor não conhece regras.

Ela tinha razão.

— Bernard era um grande editor — disse eu. — Mas também era muito mais que isso. Era um grande homem, dotado de todas as superioridades, que teve muitas vidas ao longo de sua carreira no mundo editorial. Além de homem de letras e grande erudito, era também um talentoso homem de negócios, dono de um carisma e de uma capacidade de persuasão fora de série: se tivesse sido advogado, a Ordem parisiense inteira estaria desempregada. Houve uma época em que Bernard foi o diretor, temido e respeitado, dos maiores grupos editoriais franceses, ao mesmo tempo em que era próximo tanto dos grandes filósofos e intelectuais do momento quanto dos políticos no poder. Na última parte de sua vida, depois de ter reinado sobre Paris, Bernard se retirou, sem perder um milímetro de sua aura: fundou uma pequena editora à sua imagem: modesta, discreta, prestigiosa. Foi este o Bernard que conheci, que me colocou debaixo de suas asas. Genial, curioso, alegre, solar: era o mestre que eu sempre sonhara em ter. Sua conversa era brilhante, espirituosa, vívida e profunda. Sua risada era uma lição permanente de sabedoria. Conhecia a comédia humana em todos os seus meandros. Era uma inspiração de vida, uma estrela na Noite.

— Bernard parece ter sido uma pessoa fora do comum — disse Scarlett.

— E era — assegurei.

— O ofício de escritor é mesmo fascinante...

— É o que achava a minha última namorada antes de ficarmos juntos. Scarlett caiu na risada.

— Eu realmente acho isso — disse ela. — Quero dizer: todo mundo sonha em escrever um romance.

— Não tenho certeza.

— Bom, eu sonho.

— Então vá em frente! — sugeri. — Basta um lápis e um bloco de papel, e um mundo maravilhoso se abrirá à sua frente.

— Eu não saberia por onde começar. Não saberia encontrar a ideia do romance.

Meu cigarro tinha terminado. Estava para retornar ao meu quarto quando ela me deteve, o que não achei nada ruim.

— Como lhe vem a ideia para os seus romances? — perguntou.

Refleti por um instante antes de responder:

— As pessoas costumam achar que a escrita de um romance começa com uma ideia. Mas um romance começa, antes de mais nada, com uma vontade: vontade de escrever. Uma vontade que dá e que nada é capaz de impedir, uma vontade que apaga todo o resto. Esse incessante desejo de escrever é o que eu chamo de doença dos escritores. Você pode ter a melhor das tramas para um romance, mas se não tiver vontade de escrevê-la, nada acontece.

— E como se cria uma trama? — perguntou Scarlett.

— Excelente pergunta, doutor Watson. É um erro muito comum entre escritores principiantes: achar que uma trama se constrói juntando fatos uns com os outros. Imaginando uma personagem, inserindo-a num contexto, e assim por diante.

— É verdade — confessou Scarlett. — Eu até tive, aliás, uma ideia para um romance: uma jovem se casa e, na noite de núpcias, mata o marido no quarto do hotel. Mas nunca consegui desenvolvê-la.

— Porque você está juntando fatos, como eu acabei de dizer. Acontece que uma intriga, como o próprio nome indica, precisa ser construída a partir de perguntas. O primeiro passo é formular a trama em modo interrogativo: *Por que uma jovem noiva mata o marido na sua noite de núpcias? Quem é esta jovem? Quem é o seu marido? Qual é a história desses dois? Por que se casaram? Onde se casaram?*

Scarlett respondeu de pronto:

— O marido era extremamente rico, mas de uma mesquinhez sórdida. Ela queria um casamento de princesa, com cisnes brancos e fogos de artifício, e no fim das contas o que teve foi uma festa barata numa pousada chinfrim. Enfurecida, acaba assassinando o marido. Se o juiz que a julgar for uma mulher, terá direito a circunstâncias atenuantes, porque não há nada pior que um marido sovina.

Caí na risada.

— Está vendo? — disse — Só o fato de pôr a trama inicial em forma de perguntas já abre um infinito leque de possibilidades. À medida que res-



ponde a essas perguntas, as personagens, os lugares e as ações vão surgindo por si sós. Você já começou a esboçar alguns traços da personagem da mulher e do marido. E até avançou na trama pensando no processo. Qual é o mote? O assassinato, ou o julgamento da mulher? Ela será absolvida? A magia do romance é que um simples fato, qualquer um, traduzido em forma de pergunta, abre as portas para um romance.

— Qualquer tipo de fato? — repetiu Scarlett, num tom meio incrédulo, como se me lançasse um desafio.

— Qualquer um. Para dar um exemplo bem concreto: se não me engano, você está hospedada no quarto 621 bis, não é?

— Isso mesmo — confirmou Scarlett.

— E eu, no 623. Sendo que o quarto antes do seu é o 621. Percorri o andar inteiro para conferir: não existe quarto 622. Isto é um fato. Por que, no Palace de Verbier, há um quarto 621 *bis* em vez de um 622? Isto é uma intriga. E o começo de um romance.

Scarlett exibiu um largo sorriso: ela tinha entrado no jogo..

— Mas, calma — ponderou ela em seguida — pode haver uma explicação racional. É comum que alguns hotéis desistam do quarto número 13 para agradar aos clientes supersticiosos.

— Se há uma explicação racional imediata — disse eu — acaba a intriga e não há romance. E é aí que o romancista entra em ação: para que um romance exista, ele tem que recuar um pouco os limites da racionalidade, desprender-se do real e, principalmente, inventar um mote ali onde não existe nenhum.

— O que você faria no caso desse quarto do hotel? — perguntou Scarlett, que não estava certa de ter entendido.

— No romance, o escritor, em busca de uma explicação, vai interrogar o concierge do hotel.

— Vamos lá! — sugeriu ela.

— Agora?

— Sim, claro, agora!

— O quarto 621 bis é emblemático do hotel — explicou o concierge, achando graça de nos ver ir até lá àquela hora para fazer essa pergunta. — Durante a construção do hotel, puseram uma placa 621 na porta de dois quartos, por engano. Era só trocar um dos 621 por um 622 e estava resolvido o problema. Mas o proprietário da época, o senhor Edmond Rose,

que era um homem de negócios atilado, optou por acrescentar um bis num dos 621, e o quarto ficou sendo 621 bis. Obviamente, isso só fez atizar a curiosidade dos clientes, que passaram a dar preferência para esse quarto, certos de que ele tinha algo de especial. Um truque que funciona até hoje, ou vocês não estariam aqui, no meio da noite, me perguntando sobre o famoso quarto.

De volta ao sexto andar, Scarlett me disse:

— Então esse quarto 621 bis é apenas um erro de construção.

— Não para o romancista — lembrei —, senão a história acaba aqui. No romance, para reavivar a intriga, o concierge está mentindo. Por que o concierge está mentindo? Qual é a verdade sobre esse misterioso quarto 621 bis? O que aconteceu ali que os funcionários do hotel querem esconder? É assim que se desenvolve uma ideia a partir de uma simples situação.

— E agora? — perguntou Scarlett.

— Agora é com você — brinquei. — Eu vou dormir.

Estava longe de imaginar que acabava de acabar com as minhas férias.

No dia seguinte, fui arrancado do meu sono às nove da manhã por batidas à porta do quarto. Fui abrir, era Scarlett. Ficou surpresa ao ver meu ar ensonado.

— Estava dormindo, escritor?

— Sim, estou de férias. Aquele período de descanso em que as pessoas deixam a gente em paz, sabe?

— Pois bem, suas férias acabaram — anunciou ela, entrando na minha suíte com um pesado livro debaixo do braço. — Porque tenho a resposta para a sua pretensa intriga: *por que, no Palace de Verbier, há um quarto 621 bis em vez de 622?* Porque houve um assassinato! A realidade supera a ficção!

— Quê? Como sabe disso?

— Fui bem cedinho a um café do centro do vilarejo para interrogar os moradores. Vários deles me contaram. Posso tomar um café, por favor?

— Como?

— Um café, *please!* Há uma cafeteira de cápsulas ao lado do minibar. É só inserir a cápsula, apertar o botão e o café cai dentro da xícara. É mágico, você vai ver!

Eu estava totalmente seduzido por Scarlett. Assentindo prontamente, preparei dois expressos.

— Nada indica que exista uma relação entre o assassinato e essa esquisite de quarto 621 bis — observei, entregando-lhe uma xícara.

— Espere até ver o que eu descobri — disse ela, abrindo o livro que trouxera consigo.

Sentei-me ao seu lado.

— O que é isso? — indaguei.

— Um livro sobre a história do Palace — explicou ela, passando as páginas. — Encontrei na livraria do vilarejo.

Deteve-se na foto de uma planta arquitetônica do hotel e pôs o dedo sobre ela.

— É o sexto andar — disse. — Estamos com sorte! Aqui é o corredor, está vendo? E aqui, cada suíte com seu respectivo número. Repare que eles seguem uma ordem lógica! E aqui está a 622, entre a 621 e a 623.

Constatei, estupefato, que Scarlett estava certa.

— Em que está pensando? — perguntei, certo de que ela tinha um palpite em mente.

— Que o assassinato ocorreu no quarto 622 e a direção do hotel quis apagar a lembrança.

— É apenas uma hipótese.

— Que nós vamos verificar. Você tem carro?

— Sim, por quê?

— Então pé na estrada, escritor!

— Como assim, *pé na estrada*? Onde está querendo ir agora?

— Ao arquivo do *Nouvelliste*, o maior jornal da região.

— Hoje é domingo — observei.

— Eu liguei para a redação. Eles abrem aos domingos.

Eu gostava de Scarlett. Por isso fui com ela até Sion, a cerca de uma hora de estrada, onde ficava a sede do *Nouvelliste*.

Na recepção, fomos informados de que o acesso ao arquivo era reservado aos assinantes.

Você vai ter que fazer a assinatura — declarou Scarlett, cutucando-me com o cotovelo.

— Por que eu, ué? — protestei.

— Vamos, escritor, não há tempo para ficar discutindo. Faça a assinatura, por favor!

Obedeci e puxei o cartão de crédito, o que nos outorgou o direito de acessar a sala do arquivo. Eu tinha imaginado um porão poeirento com

milhares de jornais velhos empilhados: na realidade, era um pequeno cômodo equipado com quatro computadores. Estava tudo digitalizado, o que nos facilitou a vida. Sentando-se frente a um aparelho, Scarlett só precisou digitar umas poucas palavras-chave para encontrar uma série de artigos. Clicou no primeiro e soltou uma exclamação de triunfo. O caso era a matéria de capa do jornal. Via-se a foto do Palace de Verbier, com carros da polícia estacionados na frente, e a seguinte manchete:

#### ASSASSINATO NO PALACE

*Ontem, domingo 16 de dezembro, um homem foi encontrado assassinado no quarto 622 do Palace de Verbier. Um funcionário do hotel encontrou o corpo da vítima ao levar-lhe o café da manhã.*

**EM UMA NOITE DE DEZEMBRO**, uma morte acontece no sofisticado Palace de Verbier, nos Alpes Suíços, mas o assassino escapa impune, já que a investigação policial nunca é concluída. Alguns anos depois, em 2018, o escritor Joël decide tirar alguns dias de férias justamente nesse mesmo hotel. Lá, uma surpresa o aguarda — foi reservado para ele o quarto 621 bis, a nova nomenclatura do agora estigmatizado 622, levando Joël a mergulhar na resolução desse caso emblemático.

Ao longo da corrida para descobrir as motivações para o assassinato, somos apresentados a uma gama de personagens tão interessantes quanto pitorescos em um cenário aparentemente tranquilo e acolhedor: uma aristocrata russa decadente que sonha em casar as filhas com homens ricos, um grupo de banqueiros e um jovem ambicioso e talentoso que causa inveja e intriga entre herdeiros que disputam a presidência de uma instituição financeira familiar.

Com a precisão de um mestre relojoeiro suíço, Joël Dicker nos leva ao coração de sua cidade natal, Genebra, neste romance intrincado e surpreendente, em meio a triângulos amorosos, jogos de poder, golpes, traições e ciúmes. Uma mistura inteligente de mistério e comédia de costumes, *O enigma do quarto 622* dá continuidade à obra eletrizante de um dos autores mais aclamados do romance policial.

**SAIBA MAIS:**

[www.intrinseca.com.br/livro/1025/](http://www.intrinseca.com.br/livro/1025/)

